

JORDÃO DE FREITAS

QUANDO FOI
DESCOBERTA
A MADEIRA?

RESENHA HISTORICA



LISBOA

IMPRESA LIBANIO DA SILVA

Travessa do Fala-Só, 24

1911

O producto da venda deste opusculo reverte todo em beneficio dos orphaes dos choleticos da Madeira

RC
MNCT
94
FRE



QUANDO FOI DESCOBERTA A MADEIRA ?

Segundo a concordante afirmação de Gomes Eanes de Azurara (1452 ou 1453), Cadamosto (1463), Diogo Gomes (1482) e João de Barros (1552), as ilhas do archipelago da Madeira foram casualmente descobertas no reinado de D. João 1.^o e logo depois mandadas povoar sob os auspícios de seu filho o infante D. Henrique.

Eis como se exprime o ultimo destes quatro auctores, na sua 1.^a Decada da «Asia», por elle mesmo publicada em 1552, Livro I, cap. 2.^o e 3.^o :

«Como Joam Gonçalvez, & Tristam Vaz descobriram a ilha do portosancto, por razam de hum temporal que os aly leou — O Infante vendo suas boas vontades, & conhecendo delles serem hōmens para qualquer honrado feito pela experiencia que tinha de seus seruiços, mandoulhe armar hum nauio, a q chamauã Barcha naquelle tempo : & deulhes regimento q corressem a costa de Berberia té passarem aquelle temeroso cabo Bojador, & dhy fossem descobrindo o q mais achassem ; a qual terra, segundo mostrauão as tavoas de Tholomeu, e assi por informação, que tinha dos Alarues, sabia ser continua huma a outra, té se metter debaixo da linha equinocial, però que não tivesse noticia da nauegação da sua costa... ; partidos estes dous cavaleiros em sua bôrca, começou [Nosso Senhor] nesta viagem a obrar seus mysterios, demonstrando-nos, e descobrindo a grandeza dos Mundos, e terras... Porq ante que chegassem á costa de Africa,

saltou com elles tamanho temporal com força de ventos contrarios á sua viagem, que perderam a esperança das vidas: por o nauio ser tam pequeno, & o mar tam grosso que os comia, correndo a aruore seca á vontade delle. E como os marinheiros *naquelle tempo nam erã costumados a se engolfar tanto no peguo do mar*, & toda sua navegação era por singraduras sempre á vista de terra, & segundo lhes parecia erã mui afastados da cósta deste Reyno: andauam todos tam toruados, & fóra do seu juízo pello temor lhe ter tomado a mayor parte delle, que nam sabiam julgar em q paragem eram. Mas aprouue á piadade de Deos, que o tempo cessou, & posto que os ventos lhe fizeram perder a viagem que leuauam segundo o regimento do Infante, nam os desviou de sua boa fortuna; descobrindo a Ilha a que agora chamamos Porto Santo, *o qual nome lhe elles entam poseram* porque os seguiu do pirigo q nos dias da fortuna passaram. E bem lhe pareceo que terra em parte não esperada, não sómente lhe deparaua Deos pera sua salvação, mais ainda pera bem, e proueito destes Reynos, vendo a disposição e sitio della: e mais não ser povoada de tão fera gente, como *naquelle tempo eram as Ilhas Canarias*, de que já tinham noticia. Cõ a qual noua sem ir mais auante se tornaram ao Reyno, de q o Infante recebeo o mayor prazer que té quelle tempo desta sua impresa tinha visto: parecendo-lhe que era Deos seruido della pois já começaua ver o fruto de seus trabalhos. E acrescentava mais a este seu prazer, dizerem aquelles dous caualleiros, a hum dos quaes chamauam João Gonçalves Zarco dalcunha, & ao outro Tristam Vaz, q vinham tam contentes dos ares sitio & fresquidã da terra, que se queriam lá tornar a pouoalla: por verem que era muy grossa, & azada para fructificar todaslas semetes & plãtas de proueito. E nam sómete elles & os outros de sua cõpanhia q a viram, mas ainda muytos pello que della ouuiam, & tambem por cõprazer ao Infante se offereceram a elle cõ este proposito de a pouoar; entre os quaes foy hua pessoa notauel chamado Bertolameu Perestrello, que era fidalgo da casa do Infante dom João seu irmão. Ven-

do elle Infante D. Henrique o alvoroço, com que se já os homens despunham a este negócio, convertia-se a Deos, dando-lhe muitas graças, pois lhe aprouvera *ser elle o primeiro que descobrisse a este Reyno*, principio de outros, em que o coração da gente portugueza se estendesse para seu serviço. Pera a qual ida logo com muita deligencia mandou armar tres nauios, hum dos quaes deu a Bartolameu Perestrello, & os outros dous a Joam Gonsaluez & a Tristão Vaz *primeiros descobridores*: indo muy apercebidos de todaslas sementes, & plantas & outras cousas como que esperaua de pouoar, & assentar na terra. Antre as quaes era huma coelha q Bertolameu Perestrello leuaua prenha metida em hua gayola q pelo mar acertou de parir, de q todos ouuerã muito prazer: e tiueram por bom prognostico, pois já pelo caminho começauam dar fruto as sementes que leuauam, e aquella coelha lhes daua esperança da grande multiplicaçam que haviã de ter na terra. E certo que esta esperança da multiplicaçam da coelha os não enganou, mas foi com mais pezar que prazer, de todos; porque chegados á ilha, & solta a coelha com seu fructo, em breve tempo multiplicou em tanta maneira, que não semeauam, ou plantauam cousa que logo nam fosse roйда. O que foy em tanto crescimento per espaço de dous annos que aly esteueram, que quasi importunados daquella praga, começou de auorrecer a todos o trabalho & modo de vida que aly tinhã: donde Bertolameu Perestrello determinou de vir pera o Reyno, ou per qualquer outra necessidade que pera isso teve.

«*Como Joam Gonsaluez, & Tristam Vaz partido Bertolameu Perestrello descobrirã a ilha a que ora chamam da Madeira.* — Joam Gonsaluez, & Tristam Vaz como erã chamados pera milhor fortuna & mais prosperidade, não se quiserã vir pera o Reyno & menos fazer assento naquella ilha; mas partido Bertolameu Perestrello, determinã de ir ver se era terra hua grande sombra que fazia a ilha a q ora chamamos da Madeira. Na qual auia muytos dias q se nam determinauam, por razam de grande humidade q em sy continha com a espessura do arvoredado sempre a vïam

afumada daquelles vapores, & parcialhe serem nuuens grossas & outras vezes affirmâuam que era terra; porque demarcando aquelle logar cõ a vista, nam ô vião desassombrâdo como as outras partes. Assi que mouidos deste desejo, em dous barcos que fizeram da madeira da ilha em quêtâuam, vendo o már pera isso desposto passâramse a ella: *á qual chamaram da Madeira* por causa do grande e muy espesso aruoredado de que era cuberta. . . Os herdeiros de Joam Gonçalvez Zarco tem escritura mui particular *deste descobrimento*, e querem que toda a honra e trabalho delle lhe seja dada, dizendo que Tristão Vaz não era homem de tanta idade, nem qualidade como Joam Gonsalvez. . . Gomezeanes de Zurara, que foi chronista destes reynos, de cuja escritura nós tomamos quasi todo o processo do descubrimento de Guiné (como se adiante verá) em soma diz que *ambos estes caualleiros descubriram esta ilha. . .*»

Tudo leva a crer que este *descobrimento* do archipelago madeirense se effectuou entre 1418 e 1420.

Não obstante a reconhecida auctoridade de taes escriptores, forçoso é, porém, confessar que antes desta época, muito antes até, era este archipelago já conhecido dos navegantes e dos cartographos.

Provam-no a sua inconfundivel fixação em cartas geographicas italianas da segunda metade do seculo anterior á viagem de Zarco e seus companheiros, e feitas: a 1.^a, que é reputada de 1351, no reinado de D. Affonso 4.^o; a 2.^a, que é datada de 1375, no reinado de D. Fernando; e a 3.^a em 1384, isto é, no começo do reinado de D. João 1.^o. A estas 3 cartas ha a acrescentar uma outra, hespanhola, de 1413, isto é, feita 5 annos antes daquelle a que é referida a primeira das viagens de João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz.

E' certo que alguns auctores são de parecer que a presença dos nomes de *Porto Santo*, *Insula de Lennyame*⁽¹⁾, *Insula deserte*, *Insule salvages* em taes car-

(1) Legname = legno = madeira.

D. Affonso de Carthagena, nas suas «Allegaciones» datadas de 1435 chama á Madeira — *insula lignorum*.

tas manuscriptas não deve ser tomada senão como addições posteriores áquellas datas, «de necessidade scientifica para o geographo, de necessidade pratica para o navegante». Contra uma tal interpretação ha, porém, a oppor o que consta de um manuscripto de um frade mendicante hespanhol do seculo 14, que, descrevendo as viagens que ahi diz ter feito, menciona tambem as ilhas *salvage, desierta, lecname e puerto santo*, logo depois das Canarias e antes dos Açores. Esta descripção foi publicada em 1877 no «Boletin de la Sociedad geográfica de Madrid», e tem o titulo seguinte: «Conoçimiento de todos los Reynos e tierras e Señorios que son por el mundo E de los señales e armas que han cada tierra e señorio per sy E de los Reys e señores que los proueen». A passagem a que me refiro encontra-se a pag. 100 do 1.º vol. do «Boletin». Das informações fornecidas pelo livro daquelle franciscano se serviram o normando João de Bethencourt e seus companheiros na expedição que fizeram ás Canarias em 1402 (quer dizer, 16 annos antes de João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz haverem aportado ao Porto Santo), como consta da obra de Pierre Bontier e Jehan Le Verrier, «domestiques du dit sieur de Béthencourt», editada por Pierre Bergeron em 1630.

Provado, como foi pelo academico Costa de Macedo em 1816 e 1835, que entre 1331 e 1345, reinando D. Affonso 4.º, os portuguezes não só conheciam as Canarias, mas ahi fizeram varias expedições, de lá trazendo productos, animaes e indigenas para Portugal⁽¹⁾, não é para estranhar a menção do archipelago da Madeira quer nas referidas cartas geographicas, quer no

(1) O auctor de um artigo publicado nas «Novidades» do dia 9 de janeiro p. p., ao occupar-se do 2.º volume da «Historia de Portugal» que o snr. Dr. Theophilo Braga traz em preparação, diz que este illustre professor do Curso Superior de Lettras lhe affirmara «que o rei Affonso IV mandára as suas náos até Cabo Verde, d'onde trouxeram amostras de productos e alguns naturaes».

«Enorme revelação» seria essa, realmente. Julgo, porém, que houve equívoco da parte do auctor do artigo. Quero crer que o erudito professor falou das Canarias e não de Cabo Verde.

livro de que se serviram os expedicionarios normandos de 1402 ás Canarias.

E não admira, porquanto, conforme exuberantemente o demonstrou o visconde de Santarem na Sociedade de Geographia de Paris em 1845, os navegadores portuguezes do tempo de D. Affonso 4.^o não se limitavam ás viagens de cabotagem—faziam-nas igualmente no mar alto, o mesmo succedendo no reinado de D. Diniz, mesmo antes de o genovez Manuel Pessanha ser nomeado (1317) almirante ou archithalassa (¹).

De resto, a situação geographica dos archipelagos das Canarias e Madeira relativamente a Portugal é tambem circumstancia que para o caso não pode deixar de ser tomada em consideração.

No facto de o archipelago da Madeira não vir arrumado em outros conhecidos monumentos geographicos feitos entre 1351 e 1418, tem-se querido encontrar a confirmação de que a presença deste archipelago nos já citados monumentos de 1351, 1375, 1384 (a 1400), e 1413, não passa effectivamente de accrescentamentos feitos posteriormente a 1418. A esta argumentação adduzida pelo celebre geographo francez D'Avezac, respondeu já o sabio visconde de Santarem, em 1845, chamando para o facto a attenção de que a marcação do archipelago madeirense só apparece precisamente em cartas posteriores ás expedições de D. Affonso 4.^o ás Canarias (1331-1344), ao passo que tal se não dá com as que foram feitas antes dessas expedições portuguezas, como são o famoso portulano de Visconti (1318), o mappamundo de Marino Sanuto (1329?) e o mappamundo de 1320 da Bibliotheca Nacional de Paris. Para mais: o mappamundo de Sanuto colloca as «ilhas dos Bem-aventurados» ao occidente da Irlanda, segundo a opinião dos que collocavam as ilhas Afortunadas (Canarias) ao sudoeste da Europa!

Tudo mostra, pois, «que foram os italianos que traduziram em sua lingua os nomes portuguezes, e não os

(¹) Em um opusculo impresso, em latim, no ultimo quartel do seculo 16, encontrei ha mezes uma relação de varias classes de funcionarios publicos contemporaneos em que vi estas palavras: «Archithalassa (*vulgo* almirante).»

portuguezes que de *ligname* fizeram madeira, e conservaram os nomes postos pelos portuguezes aos Açores.»

Assim se destroe tambem um dos argumentos dos que pretendem que as nossas ilhas adjacentes foram descobertas pelos italianos e não pelos portuguezes.

Respondendo ao papa Clemente 6.º, em 12 de fevereiro de 1345, D. Affonso 4.º dizia que se viu obrigado a suspender as suas expedições militares ás Canarias em consequencia da «guerra que se ateou primeiro entre nós e El-Rei de Castella, e depois entre nós e os Reis Serracenos». E' possivel que motivo identico contribuisse para que o archipelago da Madeira não tivesse sido mandado povoar mais cedo.

Num outro dos documentos que serviram á demonstração de Costa Macedo e depois á do visconde de Santarem, documento esse que foi encontrado entre os papeis de Boccacio e é a descripção contemporanea da expedição portugueza de 1341 ás Canarias, lê-se esta passagem, attinente a estas ilhas: «*quas vulgò repertas dicimus*» (as quaes *vulgarmente* dizemos *descobertas*). Acrescentemos a isto o titulo que Pierre Bergeron deu á descripção da expedição normanda de 1402 («*Histoire de la première découverte et conquête des Canaries faite dès l'an 1402*»), e teremos obtido a chave da interpretação que deveremos dar ao *descobrimto* da Madeira por João Gonsalves Zarco e seus companheiros, descripto por Azurara, Cadamosto, Diogo Gomes e João de Barros; especialmente se attendermos a que da propria descripção da expedição de João de Bethencourt consta não só a anterioridade da viagem do frade mendicante, mas tambem a da de 13 christãos que para as Canarias haviam ido em 1384 e ahi foram assassinados 7 annos depois.

*

Em opposição aos que affirmam ter sido o archipelago da Madeira descoberto por João Gonsalves Zarco e seus companheiros, a edição posthuma do «Tratado» de Antonio Galvão, em 1563, começou a dar curso á hoje muito conhecida lenda de Machim e Anna d'Ar-

fet, a qual aliás faz parte da recompilação de Valentim Fernandes, reputada de 1508, e é o assumpto de uma Relação de um tal Francisco Alcoforado, intitulado escudeiro do infante D. Henrique, attribuida ao anno de 1421 por Malte-Brun.

A versão corrente na lenda de Machim, tambem per-filhada por Gaspar Fructuoso (1590) e igualmente propalada na imprensa por Manuel Faria e Sousa (1628) e Manuel Thomaz (1635), tomou depois maior nomeada, especialmente com o largo desenvolvimento que D. Francisco Manuel de Mello lhe deu em 1660, ao publicar a sua «Epanaphora Amorosa», e com a publicação da «Relation historique de la découverte de l'isle de Madère», em Paris, em 1671.

Não é agora occasião de discutir os fundamentos, a accettabilidade ou inacceptabilidade de tal versão, que de auctor para auctor se foi apresentando descripta com mui sensiveis e importantes variantes, quer nas circumstancias de tempo e de lugar e nos episodios que se mencionam, quer no numero e nos nomes das personagens figurantes, como João de Amores, etc.

Como quer que seja, quando mesmo tivessemos de reconhecer como factó historico apurado a viagem de aquelles dois inglezes (ou escossezes) ao archipelago da Madeira em 1344, ou em qualquer outro anno do se-culo 14.^o, o certo é que tal factó em nada prejudicaria a verdade, conquistada para a Historia, de que os portuguezes contemporaneos do infante D. Henrique foram os primeiros povoadores das ilhas deste archipelago.

Ao mesmo tempo, porém, que desejamos consignar que para o auctor Manuel Constantino o *descobridor* foi um Machim (Macinus) contemporaneo de D. João 1.^o (1), queremos todavia registrar aqui a existencia,

(1) Encontrei-o na «Insulae Materiae Historia» que Manuel Constantino publicou em Roma em 1599, onde se lê: «... ea [Materia] enim a Macino reperta est; tum primum cum Joannes hoc nomine primus Imperio Lusitaniae potiretur; dum à septentrionalibus ad Meridionales oras mercaturae causa navigaret».

E mais adiante: «oppidum Machici a nomine Praefecti (ut diximus) nuncupatum, ubi postea Macinus vitam cum morte commutavit».

Este auctor traduz «madeirenses» por «materiani».

em 1384, de um João de Amores, porteiro da camara do mesmo monarcha, a quem este fez então a concessão do reguengo de «Linha a pastor», pelo muito serviço que delle recebera e esperava receber.

Interessante será também advertir que — se o nome de Machim se perpetuava ainda no seculo 18, em um astrónomo inglez chamado John Machin — também em 1373 e 1379, quer dizer, no reinado de D. Fernando, vivia em Lisboa um marítimo, mestre da barca deste rei. chamado *Machico*, que, como se sabe, é o nome de uma das villas da ilha da Madeira, cabeça da capitania de Tristão Vaz, e ao qual varios auctores teem pretendido encontrar origem no nome do lendario amante de Anna d'Arfet.

A este Machico, referido em documentos publicados em 1894 pelo indefesso investigador sr. general Brito Rebello, ha a acrescentar o nome de *Machim* de Trapaná, corsario italiano que vivia em 1451 e que encontrei mencionado pelo referido Diogo Gomes, almoxarife de Cintra, no seu «Descobrimento da Guiné».

Machim Fernandes é o nome de um outro marítimo, grumete, residente em Portugal, que o mesmo sr. Brito Rebello descobriu no livro das despezas do thesoureiro da Casa da Mina Heitor Nunes, isto no anno de 1505.

Não menos interessante é notar também que em um mappa geographico feito em Genova em 1519 se encontra marcada, no extremo norte da America do Sul, uma região com o nome de «Aldea de *Machim*».

Mais interessante, porém, será consignar que, conforme tive occasião de encontrar no cap. XIX, a fls. 47, da copia que a Bibliotheca da Ajuda possui das «Saudades da Terra», de Gaspar Fructuoso, este auctor açoreano diz que a ilha de Ferro, nas Canárias, foi casualmente descoberta, «depois de tornado já Colon», por um biscainho chamado João *Machim*, do qual ficaram duas filhas, chamadas Maria *Machim* e Lucia *Machim*, que viviam ainda no tempo do auctor daquella obra, escripta em 1590. A descripção que Gaspar Fructuoso faz deste descobrimento leva-nos a crer que o nome de *Machim* se tornou lendario nas

relações do descobrimento da Madeira e das Canárias, archipelagos visinhos um do outro.

Registemos ainda os seguintes nomes: uma mulher de appellido *Machim*, casada com Pedro Coelho da Silva e mencionada em uma genealogia de M. de Lima; *Machin* de Arteaga y Avendaño, casado com D. Beatriz Torres, de cujo matrimonio nasceu D. Fr. Juan de Arteaga y Avendaño, 1.º bispo de Chiapa; *Machin* de Oñate, soldado que figurou na conquista da America (Venezuela); e finalmente o dr. Juan *Marin*, da inquisição, mencionado em um decreto de 4 de janeiro de 1725, de Filipe 5.º.

Ajuda, 15 de fevereiro de 1911.

JORDÃO DE FREITAS.
(Natural da cidade do Funchal).





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329693925

Bibliographia do auctor :

- Subsidios para a bibliographia portugueza* relativa ao estudo da lingua japoneza e para a biographia de Fernão Mendes Pinto — Com observações philologicas pelo Ex.^{mo} Sr. A. R. Gonsalves Vianna — Coimbra, 1905.
- Fernão Mendes Pinto*. — Sua ultima viagem á China (1554-1555) — Lisboa, 1905.
- A Inquisição em Goa*. — Subsidios para a sua historia — Lisboa, 1907.
- O 2.º Visconde de Santarem e os seus atlas geographicos*. — Lisboa, 1909.
- A Capella real e a Igreja patriarchal na Ajuda*. — Lisboa, 1909.
- O Marquez de Pombal*. — A lenda e a historia (Notas soltas). — Guarda, 1910.
- Francisco de Moraes, o «Palmeirim»*. — Noticia bibliographica. — Coimbra, 1910.

NO PRÉLO :

- Visconde de Santarem*. — Opusculos e Esparsos. Em 2 vols., de mais de 400 pag. cada um.
- Macau*. — Materiaes para a sua historia no seculo XVI.

EM PREPARAÇÃO :

- Visconde de Santarem*. — Inéditos.
- Correspondencia do Visconde de Santarem*.